



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Mariana Silvestre Coelho de Souza

**INDÚSTRIA PETROLÍFERA NA TRANSIÇÃO DO SISTEMA ECONÔMICO
GLOBAL NO SÉCULO XX**

Rio de Janeiro

2023

Mariana Silvestre Coelho de Souza

**INDÚSTRIA PETROLÍFERA NA TRANSIÇÃO DO SISTEMA ECONÔMICO
GLOBAL NO SÉCULO XX**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Economia
da Universidade Federal do Rio de
Janeiro como exigência para obtenção
do título de Bacharela em Ciências
Econômicas.

Orientador: Professor Dr. Nicholas
Miller Trebat

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

S729i Souza, Mariana Silvestre Coelho de
INDÚSTRIA PETROLÍFERA NA TRANSIÇÃO DO SISTEMA
ECONÔMICO GLOBAL NO SÉCULO XX / Mariana Silvestre
Coelho de Souza. -- Rio de Janeiro, 2023.
39 f.

Orientador: Nicholas Miller Trebat.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto
de Economia, Bacharel em Ciências Econômicas, 2023.

1. Indústria petrolífera. 2. século XX. I. Miller
Trebat, Nicholas, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

MARIANA SILVESTRE COELHO DE SOUZA

INDÚSTRIA PETROLÍFERA NA TRANSIÇÃO DO SISTEMA ECONÔMICO
GLOBAL NO SÉCULO XX

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Economia da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito para a obtenção do título
de Bacharela em Ciências Econômicas.

Rio de Janeiro, 28/06/2023.

NICHOLAS MILLER TREBAT - Presidente
Professor Dr. do Instituto de Economia da UFRJ

SIMONE FIORITTI SILVA
Professora Dra. do Instituto de Economia da UFRJ

GUSTAVO RIBEIRO DE FREITAS BHERING
Professor Dr. do Instituto de Economia da UFRJ

Dedico este trabalho a meus pais e avós, meus maiores alicerces.

AGRADECIMENTOS

Ao fim dessa jornada me faltam palavras para agradecer o bastante. Essa conquista é minha, mas compartilho com cada um que me fortaleceu durante esses anos.

Primeiramente, agradeço a minha mãe, Eliane, por sempre acreditar em minha capacidade, segurar minha mão e enxergar o que há de melhor em mim.

Agradeço aos meus avós, Eduarda e Nilton, pelo colo de sempre, pelas palavras doces e pela motivação.

À Carla e Reginaldo, agradeço a vida por colocá-los em meu caminho. Os conselhos dados, o amparo e o acolhimento sem haver um fator sanguíneo como laço me ensinaram e ensinam muito. Obrigada!

Ao João, agradeço pelo companheirismo durante esse caminho que nem sempre foi fácil. Obrigada por ter sido força e inspiração.

Por último, mas não menos importante, pelo contrário, todo meu agradecimento e amor ao meu pai, Nilton. Obrigada por ter despertado em mim o amor pela História, esse trabalho não poderia seguir outro caminho. Que sua presença seja eterna em minha vida e que sua voz sempre ecoe com suas palavras tão sábias me motivando a seguir em frente e ter fé na vida.

RESUMO

O objetivo geral do trabalho é analisar a história econômica com ênfase na transição do sistema econômico global, dando destaque às transformações na indústria petrolífera. Os objetivos específicos são: compreender o contexto histórico do petróleo, indústria, produção e impactos econômicos e relacionar à indústria petrolífera à questão geopolítica. A metodologia utilizada para a pesquisa é a revisão bibliográfica, de forma a reunir artigos científicos, obras, dissertações e teses que auxiliem na construção da análise. A partir desse método e desses materiais é possível identificar o que a literatura disponibiliza acerca dos conhecimentos sobre a história econômica e a transição do sistema econômico em âmbito mundial. É uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa e análise dos dados de forma indutiva. Com a pesquisa, verificou-se que importantes acontecimentos vinham ocorrendo desde a Primeira Guerra e que fizeram com que as petrolíferas americanas tivessem maior influência e poder nas regiões estratégicas do Oriente Médio para essa indústria, especialmente após o Plano Marshall. A qualidade do petróleo e custo de produção encontrados somente nessa região se tornaram fatores de alta competitividade e lucratividade. Sendo assim, os EUA passaram a almejar o alcance de máximo domínio possível sobre a região. Observou-se que o Plano Marshall, mais do que um plano de recuperação da Europa, foi um plano estratégico para dominar as regiões petrolíferas do Oriente Médio, causando assim a transição da economia em âmbito mundial.

Palavras-chave: História Econômica; Transição do Sistema Econômico Global; Indústria Petrolífera.

ABSTRACT

The general objective of the work is to analyze the economic history, with emphasis on the transition of the global economic system, driven by the oil industry. The specific objectives are: to understand the historical context of oil, industry, production and economic impacts and to relate the oil industry to the geopolitical issue. The methodology used for the research is the bibliographic review, in order to gather scientific articles, works, dissertations and theses that help in the construction of the analysis. From this method and these materials, it is possible to identify what the literature provides about knowledge about economic history and the transition of the economic system worldwide. It is a descriptive research with a qualitative approach and inductive data analysis. With the research, it was verified that important events had been taking place since the first wars and, especially, with the Marshall Plan, which made the American oil companies have greater influence and power in the strategic regions of the Middle East for this industry. The oil quality and production cost found only in this region became a factor of high competitiveness and profitability, in which the US wanted to achieve dominance. It was observed that the Marshall Plan, more than a plan for the recovery of Europe, was a strategic plan to dominate the oil regions of the Middle East, thus causing the transition of the economy worldwide.

Keywords: Economic History; Global Economic System Transition; Oil industry.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa dos países com as maiores reservas de petróleo do mundo.....	12
Figura 2: Principais movimentos comerciais em 2021.....	16
Figura 3: Índice histórico de reservas por produção (R/P).....	17
Figura 4: Lista de países e seus números na produção de petróleo do mundo em 2021.....	18

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: As Sete Irmãs.....	30
--------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONTEXTO HISTÓRICO DO PETRÓLEO: PRODUÇÃO E IMPACTOS ECONÔMICOS	12
3 TRANSIÇÃO DA INDÚSTRIA DO PETRÓLEO E QUESTÃO GEOPOLÍTICA	21
4 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1 INTRODUÇÃO

O trabalho busca analisar a história da indústria petrolífera, cujo surgimento foi um dos principais fatores que impulsionaram a formação do sistema econômico global moderno. Tal formação é marcada, a partir de meados do século 20, pela hegemonia militar, econômica, e cultural dos Estados Unidos.

Dessa forma, a importância de tal análise acerca do processo de expansão da indústria do petróleo se dá devido a alta demanda por essa matéria prima por parte das indústrias e nações. Ocorre que, desde a Segunda Revolução Industrial, principalmente a partir das primeiras décadas do século 20, países industriais vinham buscando expandir o seu acesso a fontes de petróleo para garantir não somente segurança energética, mas também maior competitividade e lucratividade para suas empresas petrolíferas. Nesse contexto, EUA e Inglaterra obtinham as indústrias mais desenvolvidas e, por isso, o conflito entre ambos foi ainda mais intenso e alterou, gradualmente e estrategicamente, o cenário econômico mundial.

No segundo capítulo deste trabalho serão abordadas, além do surgimento do petróleo e sua composição, questões referentes ao aspecto técnico de sua produção e como ocorre o processo que o leva das reservas ao consumidor final.

Aspectos geopolíticos também serão tratados buscando elucidar os interesses e posicionamentos mundiais que cercam o Oriente Médio, visto sua posição estratégica e a qualidade de seu petróleo. Nesse quadro, a relação sensível entre Inglaterra e os EUA ganha luz. Após a Primeira Guerra Mundial, considerando a crise financeira instaurada no Velho Mundo proveniente do período em guerra, os Estados Unidos despontam como potência e passam a disputar o domínio sobre a influência mundial com os ingleses, sendo o petróleo parte relevante do conflito.

No terceiro capítulo, o foco será esclarecer as ações desempenhadas pelos EUA, cujo objetivo era desfazer o bloqueio instituído pela Inglaterra sobre o acesso ao Oriente Médio e as reservas de petróleo. O Plano Marshall se destaca como principal ferramenta de execução do plano americano e é por meio dele que o governo estadunidense começa a exigir maior abertura de mercados para suas indústrias não só da Europa, mas também de todo o *Commonwealth*.

Além disso, as empresas envolvidas na indústria petrolífera e na corrida por influência, concessões e redes de comercialização serão citadas, assim como seus movimentos à época que visavam minar a concorrência.

O capítulo quatro contém as considerações finais e a conclusão do presente estudo. Nele, o Plano Marshall, como estratégia econômica e geopolítica, é creditado como o caminho que levou os EUA a impor sua supremacia sobre a Europa ocidental não apenas geograficamente, mas na orquestração da nova organização econômica mundial.

Sendo assim, o objetivo geral do trabalho é analisar o período onde tal conflito se desenvolveu, a história econômica que o cerca e, também, dar ênfase a transição do sistema econômico global a partir da ascensão da indústria do petróleo. Os objetivos específicos são: compreender o contexto histórico da indústria do petróleo, seus impactos econômicos e relacionar a indústria petrolífera à questão geopolítica.

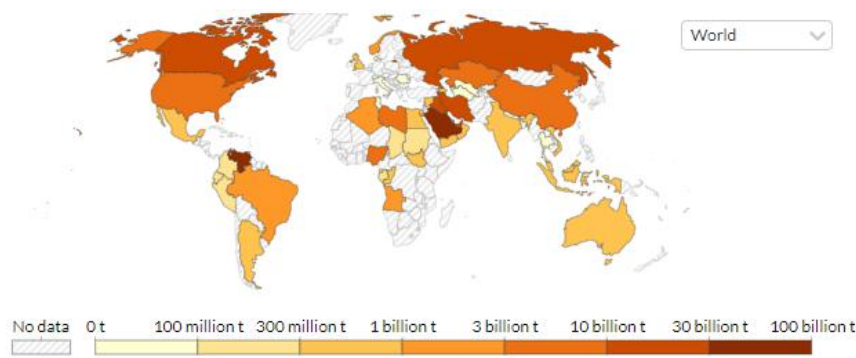
A justificativa na realização deste trabalho é poder reunir importantes conhecimentos e análises para a área econômica, além de compreender como a economia mundial se transformou a partir do século 20. Sendo assim, este é um tema relevante e de grandes contribuições tanto para profissionais da indústria petrolífera, como para estudantes e toda a sociedade.

A metodologia utilizada para a pesquisa foi a revisão bibliográfica. Artigos científicos, obras, dissertações e teses foram consultados para a formação e construção da análise. A partir de tais métodos e materiais, puderam ser visitados conhecimentos, disponibilizados por pesquisadores, autores e instituições, acerca da história econômica e da transição pelo qual o sistema econômico mundial passou no século XX. É uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa e análise dos dados de forma indutiva.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DO PETRÓLEO: PRODUÇÃO E IMPACTOS ECONÔMICOS

Antes de tratar certos pontos históricos que circundam a indústria do petróleo, é importante analisar seu surgimento e seu funcionamento na economia. O petróleo, de acordo com a teoria denominada orgânica, é proveniente de fósseis que se uniram a estratos sedimentares. Essa junção resultou na matéria orgânica petróleo, que pode ter diversas estruturas químicas. Assim, mesmo havendo conhecimento acerca de sua composição, não é de fácil produção ou reprodução. No mapa ilustrado na imagem a seguir, é possível identificar as reservas de petróleos dos países (NOZAKI et al., 2020).

Figura 1: Mapa dos países com as maiores reservas de petróleo do mundo.



Fonte: Statistical Review of World Energy - BP (2022).¹

Destaca-se que a origem do petróleo está associada a efeitos ocorridos em matérias orgânicas, tais quais microfloras planctônicas e algas, além de estar presente entre rochas sedimentares (no leito marítimo ou em solo na terra). Porém, os fenômenos de temperaturas e pressões que ocorrem para criar o petróleo chegam a depender de longos períodos (VIANA; SILVA; CALIXTRE, 2011).

¹ Disponível em: https://ourworldindata.org/grapher/oil-proved-reserves?country=~OWID_WRL. Acesso em: 10 jan. 2023.

Em média, as composições químicas deste produto são: Carbono (83% a 87%), Hidrogênio (11 a 14%), Enxofre e Nitrogênio (0,16 até 2,5%). Com essa informação, pode-se questionar se todos os petróleos encontrados são iguais ou variam de acordo com as regiões encontradas. Para essa questão, a resposta é que há variações conforme as localidades, o que acaba por justificar muitos dos interesses nacionais e internacionais por regiões petrolíferas (TREBAT, 2005).

Sendo assim, são dois os tipos de petróleo encontrados: 'leves' e 'pesados'. Portanto, pode-se entender a razão de algumas regiões terem forte influência e de se sobressaírem quando o assunto é petróleo, a exemplo do Oriente Médio. Nessa região o petróleo encontrado é de densidade leve, o que torna mais barato o processo de refinamento da matéria prima, sendo ideal para produção de gasolina, diesel e querosene. Por outro lado, quanto mais denso for o petróleo, ou seja, mais pesado e 'grosso', menor o seu valor frente a um petróleo 'leve' devido aos altos custos necessários para o seu refinamento (LEÃO e FIORI, 2020).

A produção do petróleo não é barata, já que existem várias etapas a serem cumpridas e riscos a serem assumidos. Assim, explorar e produzir petróleo é extremamente complexo visto que, inicialmente, são necessárias análises geológicas e, conforme observado nos estudos, a resposta pode ser positiva ou negativa sobre a existência de petróleo ou não. Caso seja verificado que há petróleo, é necessário saber a quantidade e a qualidade. Por envolver diversos profissionais qualificados e especializados, são necessários altos investimentos em todas as etapas e processos do estudo: da estratificação, transporte e refinamento até a distribuição (BLACHARD, 2007).

O ponto abordado anteriormente e que se refere ao processo técnico aplicado na extração de petróleo, representa um dos grandes obstáculos. Além disso, caso seja inerente ao processo a realização de perfurações de poços de petróleo, são necessárias furadeiras especiais e aptas ao serviço. Quando confirmadas positivamente a qualidade e a quantidade, há a transformação dos ativos empregados como gastos de investimento em lucros comerciais. No entanto, como destacada a dependência de vários fatores, pressupõe-se que é possível que todas as etapas iniciais sejam realizadas e, mesmo assim, os resultados finais dos estudos

empregados sejam negativos, o que faz parte, justamente, do risco assumido inicialmente (MACIEL et al., 2020).

Com relação aos valores dos barris, é importante considerar o fato de existirem locais com a possibilidade de produção a partir de petróleos mais leves, o que faz com que haja uma grande discrepância em relação aos valores impostos aos que produzem a partir de petróleos mais pesados. Portanto, um aspecto importante é que há produtores/empresas que selam associações entre si para atuar frente aos concorrentes. Assim, aqueles que produzem petróleos mais leves, como destacado, conseguem chegar a um valor mais barato do que aqueles que produzem petróleos pesados. Desta forma, os produtores que exploram petróleos leves, muitas vezes fazem união com produtores da mesma qualidade petrolífera (ROSS, 2019).

De acordo com Trebat, esse modelo se dá no momento de Exploração e Produção (E&P), também denominado por *upstream*, e é possível justificar a tendência à concentração industrial justamente nessa fase. Sendo assim, são identificados dois processos de industrialização: integração horizontal e integração vertical. O primeiro se adequa ao exemplo mencionado acima e ocorre quando duas ou mais firmas se unem por meio de aquisições ou fusões, por exemplo.

A motivação para adoção de tal modelo é poder ser usado como um meio de amenizar riscos que envolvem a produção de petróleo. Esses riscos são justificados pelo fato de que não há como prever questões geológicas e políticas da região onde o petróleo será extraído e produzido. Então, para não concentrar os grandes investimentos feitos em apenas uma área de exploração, empresas adotam a integração horizontal para ter presença em diversos países e lidar com graus diferentes de risco geológico e político (TREBAT, 2005).

Outro risco a ser enfrentado é a diversidade de custos de acordo com cada região petrolífera. É importante observar que, além do tamanho das reservas de petróleo, a produtividade também é determinante para o cálculo de custo de produção e lucratividade. Ou seja, manter os esforços em apenas uma área aumenta o risco de estar em desvantagem com relação a empresas que estão em áreas mais produtivas. Tal situação favorece a concentração industrial e a razão

para isso é que, ao se integrarem, quem está em desvantagem tem acesso às melhores áreas e quem já está em vantagem consegue alcançar maiores lucros, o que ameniza a questão da concorrência.²

Ainda na fase de E&P do petróleo, também há benefícios na integração vertical. Como dito anteriormente, são feitos grandes investimentos durante tal processo, o que exige das firmas boas receitas e certa estabilidade. Na integração vertical, a união ocorre entre firmas de diferentes segmentos, mas da mesma indústria. Nesse caso, há compensação, caso necessário, por meio do fluxo de caixa. Aumentos ou quedas no nível de preços do *upstream* que reduzem a receita não sensibilizam o nível de investimentos nessa fase devido ao fluxo de caixa proveniente do *downstream*.³

Esta necessidade de fluxo de caixa disponível é a razão da presença das empresas de petróleo em todas as fases da cadeia da indústria, da exploração e produção ao transporte e distribuição do produto. Se, por causa de uma redução nos preços do petróleo cru, a exploração e produção começarem a gerar menos receitas em determinada época, uma empresa verticalizada pode manter os níveis de investimento no *upstream* utilizando os fluxos de caixa advindo das operações *downstream* (TREBAT, 2005).

Conforme Trebat, o fluxo de distribuição e produção na indústria petrolífera, geralmente, vai da venda do petróleo cru de um produtor a um refinador que, por sua vez, escoar o petróleo para uma refinaria por transportes como navios petroleiros ou oleodutos. A partir disso, o produto cru passa por um processamento, onde é destilado e transformado em gasolina (frações leves), diesel (frações médias) e óleo combustível (frações pesadas). Assim, o *downstream*, citado pelo autor, trata-se das etapas finais da produção de petróleo pois engloba as últimas etapas, do processamento à comercialização, inclusive, de derivados.

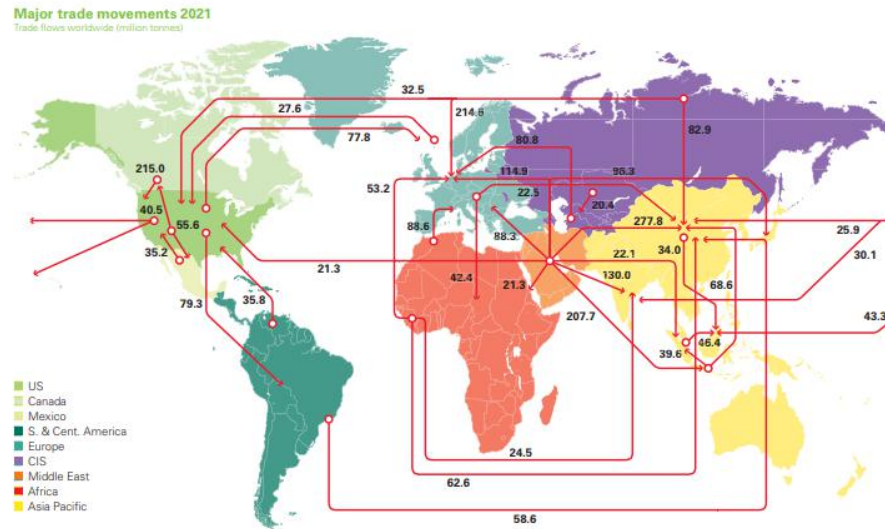
Depois de refinados, os produtos são fornecidos para as distribuidoras, que passam para a população, empresas e outros em cada país. Portanto, são empresas como a Shell as responsáveis por levar aos consumidores a produção

² Trebat, pg 10.

³ Trebat, pg. 11.

final do petróleo (gasolina, diesel, etc). Os transportes são de navios cargueiros, dutos e caminhões, sendo os dutos mais econômicos entre esses (CRUZ e TERRA, 2020).

Figura 2: Principais movimentos comerciais em 2021.



Fonte: BP Statistical Review of World Energy 71st edition, 2022.⁴

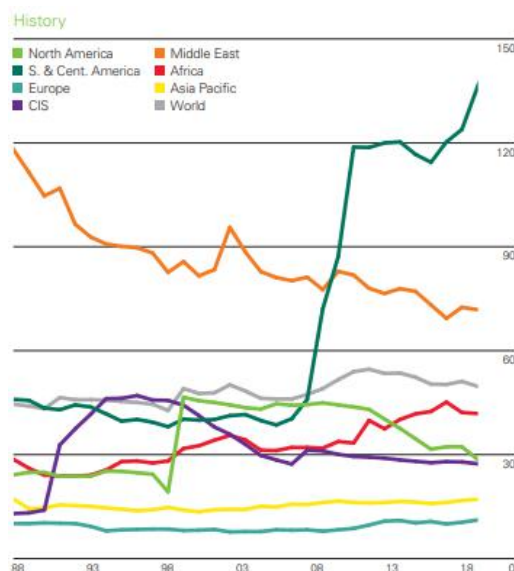
Empresas e indústrias petrolíferas recebem incentivos para desenvolverem suas produções de forma mais econômica, tecnológica e com maior qualidade. Esses incentivos acabam favorecendo e fortalecendo oligopólios ou até mesmo surgimentos de cartel, que acabam, por sua vez, influenciando nos preços de produção e comercialização do petróleo (CRUZ; TERRA, 2020).

Na imagem a seguir, é observado o índice histórico de reserva por produção por região, ou seja, a proporção de reservas para a quantidade de petróleo produzida:

⁴ Disponível em:

<https://www.bp.com/content/dam/bp/business-sites/en/global/corporate/pdfs/energy-economics/statistical-review/bp-stats-review-2022-full-report.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2023.

Imagem 3: Índice histórico de reservas por produção (R/P) até 2018.



Fonte: BP Statistical Review of World Energy, 2019.⁵

Desta maneira, tanto a exploração e produção, quanto o refino são afetados por oligopólios e cartéis, podendo gerar problemas de produção e precificação. Nos Estados Unidos da América, principalmente nos séculos XIX e XX, ocorreram exemplos de oligopólio (MENDES et al., 2018).

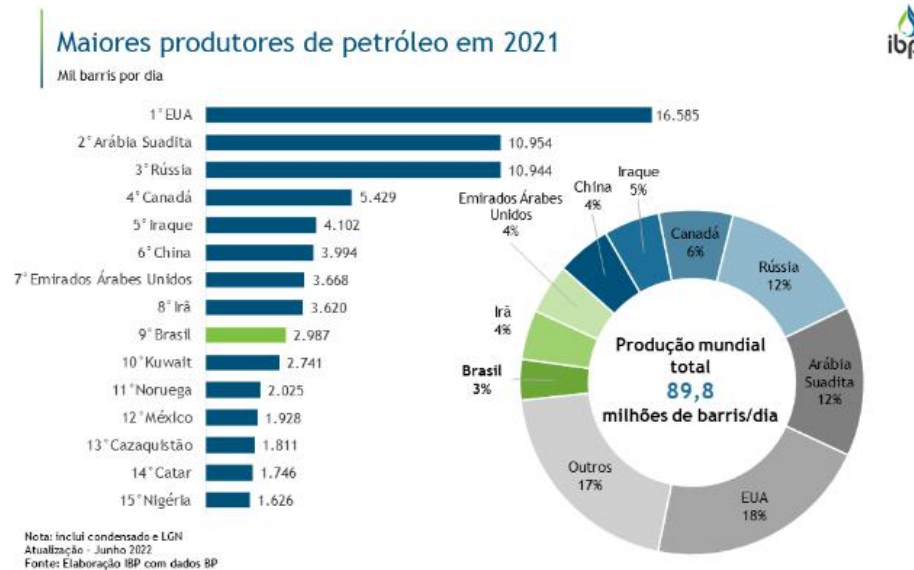
[...] A necessidade de pesados investimentos e do controle de tecnologia avançada contribuem para a tendência ao oligopólio e a formação de grandes “grupos técnico-econômicos” na indústria do petróleo. Ao longo da história da indústria de hidrocarbonetos, o tamanho e poder econômico e político destes grupos fizeram com que eles pudessem arcar com os grandes riscos e custos de exploração. Oligopólio, é importante notar, não significa necessariamente a ausência de competição. De fato, na visão do oligopolista, a competição pode ser intensa (TREBÁT, 2005, p. 17).

Dessa forma, o que se percebe na atualidade são as manutenções de países nas primeiras posições de reserva, como destacado na figura 1. Porém, a Tabela 2, a seguir, destaca os países com maiores produções de petróleo, incluindo países que pertencem à OPEP e os que não fazem parte deste.

⁵ Disponível em:

<https://www.bp.com/content/dam/bp/business-sites/en/global/corporate/pdfs/energy-economics/statistical-review/bp-stats-review-2019-full-report.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Figura 4: Lista de países e seus números na produção de petróleo do mundo em 2021.



Fonte: Elaboração IBP com dados BP, 2022.⁶

Considerando os fatores anteriormente mencionados, as questões geopolíticas ganham luz no século XX. É importante mencionar o papel de destaque exercido pelos EUA em tal período visto que esteve presente em meio aos conflitos e movimentos políticos pertencentes à época. Com relação à indústria petrolífera, os americanos dispunham de grandes regiões de reserva em seu território e despontavam como um dos maiores produtores, principalmente de querosene. Contudo, as áreas de extração e produção eram essencialmente domésticas, ou seja, não tinham influência sobre regiões petrolíferas externas ao território americano (TREBAT, 2005).

Dois fatores levaram os americanos a buscar novas fontes de reserva: a internacionalização por partes das firmas americanas almejando alcançar maior escala de produção após a determinação do *Sherman Act*⁷ e a I Guerra Mundial em

⁶ Disponível em:

<https://www.ibp.org.br/observatorio-do-setor/snapshots/maiores-produtores-mundiais-de-petroleo-em-2020/>. Acesso em: 20 mai. 2023.

⁷ Lei antitruste que concedia à Suprema Corte o direito de interceder em mercados concentrados visando maior competição.

1914, que decorreu de movimentos imperialistas praticados na época e modificou o papel do petróleo na economia mundial (TREBAT, 2005).

Os britânicos eram os maiores concorrentes dos norte-americanos. Depois de passar por duas guerras, eles haviam acumulado dívidas externas que só aumentavam. Em 1945, por exemplo, quando ocorreu um acordo entre EUA e Reino Unido, sua dívida externa chegou a 4,3 bilhões de dólares. Mas mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, isto é, desde o início do século XX, o Reino Unido foi perdendo seu poder econômico relativo, um processo acelerado pela Primeira Guerra Mundial e impulsionado por vários quadros internos e externos, incluindo o fato de que a exportação inglesa se encontrava em déficit (CANTOS, 2013).

De acordo com Trebat, nesse momento, nota-se a busca dos Estados Unidos por adentrar os mercados europeus, o que causou incômodo aos britânicos e outros países da Europa. Como exemplo, empresas como a *Esso* começaram a se instalar em vários estados europeus, assim como vários outros tipos de empresas, justamente de acordo com o planejamento da política norte-americana. O problema, nesse caso, nesse tipo de movimento, é que o dinheiro gerado naqueles países pelas empresas estrangeiras, era enviado para o país sede. Além disso, empresas norte-americanas atuando na Inglaterra e na Europa continental remetiam grandes quantidades de lucros aos EUA, levando a fortes pressões cambiais contra a libra esterlina (BELLUZZO, 1997).

Além disso, os Estados Unidos buscavam influenciar outros países e colônias que viviam sob influências britânicas. Porém, foi a Segunda Guerra Mundial que ampliou a crise hegemônica do Reino Unido. Desta maneira, uma das ações realizadas por este país para defender a taxa de câmbio da libra esterlina em relação ao dólar foi a de impor restrições à atuação das empresas petrolíferas estadunidenses no Reino Unido e nos países parte do *Commonwealth* inglês (TORRES FILHO, 2004).

O *Commonwealth*, ou comunidades – em português –, compõem-se por 56 Estados membros, estes independentes, sendo essa comunidade composta principalmente por países que já foram colônias do império britânico, com em torno

de 2,5 bilhões de pessoas vivendo nessa comunidade (THE COMMONWEALTH, 2023).

Interessante citar que, à exceção da maioria, também fazem parte da comunidade quatro países que não foram colônias britânicas, mas sim colonizados por belgas (Ruanda, que entrou em 2009), portugueses (Moçambique, entrou em 1995) e franceses (Gabão e Togo) (THE COMMONWEALTH, 2023).

Um das petrolíferas dos Estados Unidos que obteve mais destaque no Reino Unido foi a *Esso*, grande refinadora e distribuidora de petróleo e derivados no mercado europeu. A *Esso* concorria com as empresas britânicas e anglo-holandesas neste mercado, e realizava a conversão de grandes quantidades de libras esterlinas em dólares norte-americanos. Dessa forma, o Reino Unido buscou, a partir de políticas econômicas, restringir esses movimentos, pois essas ações estavam contribuindo para a desvalorização da Libra (já que buscavam maior competitividade frente a petrolífera americana) (VILARINO, 2011).

A partir desses pressupostos que permitiram identificar o contexto do petróleo e sua indústria, no capítulo a seguir serão debatidos os principais fatores que levaram à transição econômica mundial. Com isso, serão analisadas também as questões geopolíticas que tal indústria, considerada uma das mais importantes para diversas outras atividades, indústrias e para os meios de transporte, acabou gerando no cenário mundial.

3 TRANSIÇÃO DA INDÚSTRIA DO PETRÓLEO E QUESTÃO GEOPOLÍTICA

O século XX foi permeado por intensos conflitos. Entretanto, por outro lado, foi momento de grandes avanços tecnológicos, modernizações e transformações no sistema econômico mundial e nas relações entre as nações. Na indústria petrolífera não foi diferente, pelo contrário, pode-se dizer que esta foi uma das protagonistas em tais processos.

Como mencionado anteriormente, os Estados Unidos possuíam grandes reservas de petróleo em seu território e ocupavam a posição de maior produtor até então, principalmente devido à forte demanda por querosene, por exemplo. Contudo, já no início do século é possível observar o surgimento de inúmeras novas técnicas de transporte, como o primeiro voo motorizado, e de produção de bens, como o surgimento da borracha sintética - o que possibilitou o início da indústria petroquímica (TREBAT, 2005).

Dessa forma, observou-se um expressivo aumento na oferta e na demanda por petróleo. Esse crescimento atingiu novos patamares após o início da I Guerra Mundial a partir do momento em que o petróleo se tornou uma matéria prima de grande relevância não só econômica, mas também militar (TREBAT, 2005).

Conforme Trebat pontua, um dos pontos de destaque do conflito foi a vantagem alemã, principalmente marítima, nos primeiros anos da guerra devido ao uso de submarinos movidos a diesel que, portanto, ganhavam em velocidade. Nesse momento, os Aliados recorrem aos Estados Unidos e suas grandes reservas petrolíferas. Por sua vez, os norte-americanos optam por se aliar ao grupo e se afirmam como o maior responsável pelo fornecimento de combustível.

Ao fim da I Guerra Mundial, o governo americano passa a tratar a Inglaterra como uma ex-aliada. Há uma mudança na postura das nações, principalmente Estados Unidos e Inglaterra, frente a indústria petrolífera. Os EUA começam a entender como desvantagem estratégica que o controle do petróleo estivesse sob o domínio inglês ou de alguma outra potência. Isso é acentuado após passarem o início da década de 1920 sem descobertas relevantes de reservas. Com isso, o

governo americano passa a se preocupar com a possibilidade de escassez de petróleo futuramente (TREBAT, 2005).

Essa posição fez com que o país como um todo, de governos de estado a marinha, voltasse as atenções para qualquer movimento britânico. Por consequência, o resultado não poderia ser outro que não fosse o surgimento de um clima de tensão entre ambos países. Sendo assim, os EUA passam a almejar as reservas externas ao território americano que, por sua vez, estavam sob domínio majoritário inglês (TREBAT, 2005).

Por outro lado, é notável a posição cautelosa adotada pelos britânicos que se empenhavam em manter seus domínios - principalmente no Oriente Médio e no *Commonwealth*. De acordo com Trebat, um dos movimentos adotados foi a determinação de acordos comerciais proibindo a exploração e produção de petróleo de quaisquer empresas não-britânicas nessas localidades.

Como dito por Yergin, é relevante falar sobre os acordos realizados entre Inglaterra e França após a I Guerra para a divisão do controle nos países do Oriente. Um exemplo que pode ser citado é o Acordo de San Remo, de 1920, no qual concedia 25% dos campos petrolíferos do Iraque à França. Esse movimento exacerbou o sentimento americano de necessidade de domínio sobre reservas externas.

Tais ações eram vistas como contra os “princípios de igualdade” buscados pelos EUA após a I Guerra. A intenção por trás destes era garantir às empresas norte-americanas acesso aos mercados da Europa e dos territórios coloniais controlados pelos países europeus. Para os americanos, os ingleses “estavam utilizando toda sua supremacia política no Oriente Médio para estabelecer supremacia econômica na indústria mundial de petróleo” (YERGIN, 1991, p. 35).

Nesse sentido, ressalta Trebat (2005, p. 38):

Na visão dos norte-americanos, os ingleses, ingratos à importante contribuição dos EUA durante a I Guerra, estavam utilizando todos os meios possíveis para consolidar seu controle sobre as reservas petrolíferas no mundo.

Com o fim da II Guerra Mundial, e até mesmo antes desse período, porém com mais veemência após tal momento devastador, é possível perceber vários níveis de consequências e efeitos. Desta forma, é importante destacar que as relações entre a Inglaterra e os Estados Unidos não ocorreram de maneira 100% amistosas apesar de terem sido aliados nos períodos de Guerra. Pelo contrário, suas relações eram baseadas principalmente por relações de interesse, o que levou a conflitos econômicos, políticos e industriais.

Portanto, um grande interesse dos Estados Unidos, e um dos mais significativos, era conquistar para si, também, subordinações políticas e militares dos países do ocidente europeu. Sendo esse movimento o que carrega consigo as questões do petróleo do Oriente Médio, pois, em meio a esses jogos de influências europeias, os EUA também centrariam influências no espaço oriental (TREBAT, 2005).

Outro ponto seria favorecer ou abrir, no caso da Inglaterra, acessos às regiões produtoras de petróleo bruto no Oriente Médio para empresas americanas. Vale ressaltar que, entre o fim do século XIX e o início do século XX, as reservas de petróleo de tal local estavam sob domínio de empresas britânicas, anglo-holandesas e russas tais quais *Royal Dutch Shell* e *Anglo-Persian Oil Company* (TREBAT, 2005).

Em adendo, é importante sinalizar que a companhia inglesa *Anglo-Persian Oil Company*, com o passar do tempo, muda seu nome algumas vezes: 1954-*The British Petroleum Company P.L.C*; 1998-*British Petroleum Amoco P.L.C.*; 2001-*British Petroleum P.L.C.* (BP, 2022).

Desta forma, o que ocorria até o momento anterior aos movimentos estadunidenses, em grande medida, era um forte monopólio por parte da Inglaterra sobre a produção de petróleo no Oriente Médio (YERGIN, 1991).

As empresas norte-americanas não queriam perder a oportunidade de ter esse poder de produção no Oriente Médio. Caso não agissem, significaria que as empresas da Inglaterra, tais quais *Shell* e *Anglo-Persian Oil Company*, manteriam seus monopólios sobre as produções no *Commonwealth* inglês, principalmente no Irã e Iraque (TREBAT, 2005).

Uma das razões para essa corrida de empresas norte-americanas pelo poder da indústria internacional foi a percepção, iniciada após a I Guerra, de que os países que controlassem o acesso às fontes de petróleo obteriam grandes vantagens comerciais. Dado a predominância das empresas inglesas no Oriente Médio, havia uma preocupação entre o governo dos EUA e suas empresas de petróleo de que ficariam excluídos da região petrolífera mais estratégica e lucrativa do mundo (TREBAT, 2005).

Em vista disso, o governo dos EUA acreditava que, se isso ocorresse, as consequências seriam negativas para o Estado americano, visto que além da manutenção do domínio europeu, poderia favorecer nesse manejo o Japão (outro rival estadunidense). Isso também facilitaria aos Estados europeus a terem autonomia, principalmente a níveis energéticos (GASTALDI, MENDONÇA, 2019).

Portanto, o melhor caminho, para os governantes americanos, seria reduzir essa autonomia europeia e deter o controle aos petróleos. Isso fortaleceria seus controles políticos, econômicos e militares em países como os do ocidente europeu e asiáticos, como o Japão. Esse movimento americano de deter maior controle nessas regiões, levou o diplomata George Kennan a usar a seguinte expressão “poder de veto” (TREBAT, 2005).

Trebat diz que se tratando da questão “estratégica” quando se refere ao Oriente Médio, além do fator geográfico, é importante considerar que ao controlar suas reservas também se controla, de certa forma, a segurança energética não só europeia, mas também de qualquer economia que dependesse do petróleo oriundo da região.

Um bom exemplo a ser mencionado ocorre posteriormente à II Guerra Mundial quando o governo dos EUA compreende que conseguiria controlar de forma mais efetiva o mercado de petróleo japonês quanto maior a produção das majors americanas no Oriente Médio. Tal entendimento leva-os a crer que teriam “poder de veto”, ou seja, influência sobre as políticas japonesas tanto industriais quanto militares (TREBAT, 2005).

De acordo com Trebat, essa possibilidade de influência no mercado europeu e japonês teria sido uma das motivações por trás da aproximação que se deu nos anos 40 entre o governo estadunidense e os governos locais do Oriente Médio.

Geograficamente e economicamente, as principais vantagens de estar bem posicionado nessa região, partiam desde custos bem baixos nos campos de produção até a elevada qualidade do petróleo (por sua leveza) e os altos níveis de produtividade. Além disso, sua localização era atraente devido à proximidade com os mercados europeus e asiáticos, o que expandia o potencial de lucro dessas empresas no que se refere à comercialização e distribuição.

Sendo assim, ao fim da II Guerra Mundial, aproveitando a crise financeira enfrentada por seus concorrentes no pós-guerra, seus processos de reconstrução e o momento de internacionalização vivido pelas firmas norte-americanas, os EUA implementaram o Plano Marshall. O plano surge como uma aparente benfeitoria, visto que foram enviados aos países aliados mais de 100 bilhões de dólares americanos, em cotações atuais. Assim, esse montante supracitado serviria – em tese – para que os países europeus contemplados realizassem investimentos em seus territórios e também comesçassem a recuperar suas economias. Entretanto, os objetivos do plano iam além do preestabelecido.

O desempenho do plano, de fato, foi positivo na recuperação dos países europeus. Entretanto, o verdadeiro interesse dos EUA era estabelecer um maior fluxo de exportação de suas indústrias para a Europa, isto é, conquistar mais espaços para indústrias americanas no mercado europeu. Assim, o Plano Marshall foi o meio responsável por garantir o objetivo americano de conseguir maior presença dominante para suas empresas no Oriente Médio; ou seja, para tornar os produtores dos Estados Unidos os "novos" dominadores daquela região asiática, expulsando os ingleses de sua posição até então hegemônica (TREBAT, 2018).

Além disso, na prática, ao ofertar o plano para ajudar na recuperação territorial e econômica dos países europeus, os estadunidenses colocaram como critério para oferecer os mais de 100 bilhões de dólares algumas concessões como, por exemplo, favorecer as empresas petroleiras americanas a vender seus

derivados em solos europeus além de, também, nos países que fazem parte do *Commonwealth inglês* (TREBAT, 2005).

De acordo com Trebat, com relação às ações adotadas pelas empresas de petróleo, é possível observar, entre 1930 e 1940, o movimento de empresas americanas de petróleo passando a se inserir em maior escala no Oriente Médio. Sendo assim, somente a partir da década de 40, a participação das petrolíferas americanas no Oriente Médio deixou de ser pequena .

Em meio ao Plano Marshall, os Estado Unidos buscavam favorecer atuações de suas empresas petrolíferas e distribuidoras de derivados de petróleo na Europa e, principalmente, na Ásia. Neste continente oriental, especificamente na região do Oriente Médio, tendo como foco países com grandes fontes de petróleo, tais quais: Irã, Arábia Saudita e Iraque (LASSANCE, 2022).

Para tanto, o planejamento norte-americano era, sim, de utilizar as produções de Estados médio-orientais, no qual explorariam e produziram os petróleos brutos naquelas regiões, mas ia além disso. A maior intenção era realizar envios daquela região para o Japão e países europeus, podendo refinar o petróleo cru nesses locais para, assim, realizar a venda de derivados como gasolina, diesel, e querosene de aviação. Note que a economia estadunidense em si não sofria de uma escassez destes produtos, pois era auto-suficiente na produção de petróleo cru e na produção de derivados (ALMEIDA E BITENCOURT, 2021).

Desta forma, o refino era feito no Japão e nos países europeus e, ainda, os produtos finais eram comercializados nesses mesmos mercados. Além disso, esses produtos eram vendidos em outros lugares além dos espaços europeus e japoneses. Como exemplo, também estavam presentes e operavam no Brasil. Sendo assim, apesar de o Plano Marshall, em boa medida, ter favorecido a recuperação dos países europeus, estes precisavam conter os avanços norte-americanos (ALMEIDA E BITENCOURT, 2021).

Além disso, o Departamento de Estado dos EUA defendia o controle das reservas pelas empresas norte-americanas com o argumento de que haveria uma maior probabilidade de que essas colaborassem com o governo, caso necessário. Nesse sentido, afirma Trebat (2005, p. 46):

Vale mencionar que a opinião do Departamento de Estado, especialmente com relação à necessidade de os campos petrolíferos serem controlados por empresas americanas, e não inglesas (embora a Inglaterra tenha sido o maior aliado dos EUA ao longo do século), sugere mais uma vez o tamanho do valor estratégico do petróleo do Oriente Médio, cuja importância parece derivar de fatores mais complexos do que o simples risco de uma queda nas reservas domésticas nos EUA.

Por sua vez, algumas petrolíferas europeias, como a *Anglo-Persian Oil Company* e a *Shell*, estavam alinhadas com as autoridades europeias no sentido de concordarem com a política de restrição da atuação de empresas americanas na região europeia. Tal medida notoriamente gerou grande descontentamento para os EUA. Assim, o governo americano, em represália, impediu os ingleses de impor restrições tarifárias e financeiras a empresas americanas e basicamente afirmaram aos ingleses que "o petróleo do Oriente Médio é nosso".

Para analisar de forma mais profunda as relações entre as empresas petrolíferas entre si e com os Estados, é importante especificar o formato em que ocorriam. Nesse caso, havia concessões e consórcios. A grande diferença entre ambos é de que a primeira regularia a interação entre a empresa e o Estado onde seria realizada a exploração, de forma que determinaria a autonomia das empresas nos países produtores através de direitos; e a segunda regularia a relação entre as empresas entre si, buscando restringir a entrada de concorrência e garantir maior controle sobre o sistema de precificação.

É importante destacar um significativo evento histórico que ocorreu em 1933, quando a empresa americana *Socal*, com apoio dos EUA, obteve a concessão para exploração e produção de petróleo na Arábia Saudita, com administração da *California-Arabian Standard Oil Company* (CASOC). Foi considerado um evento histórico relevante, pois viria a mudar a política de interesses da região.

Sobre esse evento, Trebat ressalta que as petroleiras americanas conseguiram adentrar o Oriente Médio no momento em que a *Socal* adquire a concessão saudita ao mesmo tempo em que a *Jersey* e *Socony* não entram na IPC. Além disso, *Socal* e *Texaco* fecham um acordo entre si. A primeira possuía boas concessões e reservas, mas uma rede de comercialização estreita enquanto o

contrário ocorria com a segunda, que não tinha reservas no Oriente Médio, mas uma vantajosa rede de comercialização. O acordo determinava que a *Socal* cederia 50% de suas concessões em Bahrein e Arábia Saudita, ao passo que a *Texaco* entregaria 50% da rede de comercialização que possuía ao leste do Canal de Suez, o que fortaleceria cada uma.

Nesse ponto, a busca pelo controle sobre os recursos petrolíferos não se limitava a suprir as reservas domésticas americanas em caso de necessidade ou aumentar os lucros da indústria petrolífera. O Departamento de Estado americano almejava dominar o mercado mundial como forma de manter a posição Estadunidense de hegemonia militar e econômica independente de possíveis crises e de tempos de guerra ou paz. Dessa forma os EUA se manteria soberano e distante de possíveis ameaças, sobretudo europeias, a seu poder.

Com a expansão e controle das petrolíferas norte-americanas seria possível permitir a preservação de sua hegemonia econômica e militar frente aos outros países tanto em momentos de guerra, como de paz. Revelando uma necessidade que não se restringia a uma eventual escassez de petróleo, mas que previa, em tempos de paz, a preservação de empresas domésticas, lucros e controle da maior fonte de petróleo do mundo.

Desta forma, pode-se destacar que o que estava ocorrendo no pós-guerra mundial e plena guerra fria era um jogo de interesses políticos e econômicos entre Estados Unidos e Inglaterra. Isto é, um “conflito” com objetivos geopolíticos e comerciais em vários países considerados pontos estratégicos na concepção desses estados supracitados (HOBBSAWM, 1995).

Assim, os Estados Unidos queriam mais do que apenas um Plano de Recuperação Europeu. Isto é, mais do que um Plano Marshall, desejavam se tornar influência legítima de países influenciados e com relações econômicas fortes com os britânicos (LASSANCE, 2022).

Assim, duas grandes empresas britânicas estiveram juntas para conter a constante ascensão dos Estados Unidos. A primeira seria a *British Petroleum*, *BP P.L.C*, fundada em 1909 com o nome *Anglo-Persian Oil Company*. A relação entre ela e o Estado britânico, a partir de Churchill, foi de muita proximidade durante o

século XX, visto que a Inglaterra entrou em acordo com a empresa e conseguiu se tornar uma das acionistas até o ano de 1987. Apesar de não ser considerada uma estatal por não influenciar nas operações, tal relação foi benéfica principalmente no sentido de que o fornecimento de petróleo à Inglaterra estava garantido.

Já a segunda empresa britânica citada para o freio estadunidense é a *Royal Dutch Shell*, em 1907. A *Shell* é uma empresa, assim como a *BP*, não foi só importante para esse bloqueio, mas também para a exploração e distribuição de petróleo a nível mundial. A empresa surge com a fusão de duas companhias, uma inglesa e uma holandesa. Sendo elas a companhia holandesa *Royal Dutch Petroleum Company* e a britânica *Shell Transport and Trading Company Ltd*.

O surgimento da *Shell Transport and Trading Company Ltd* com este nome se dá em 1897. Inicialmente seu foco de atuação era a venda de conchas marinhas e passou a ser o transporte de petróleo. Marcus Samuel e seu irmão Sam, donos da empresa, fecham um acordo com os Rothschild (donos da Companhia de Petróleo do Cáspio e Mar Negro, que era atuante na produção de querosene) que lhes garantia o transporte e comercialização do produto no Extremo Oriente. Buscando maior competitividade frente a *Standard Oil*, Samuel encontra no transporte do produto o meio para reduzir seus custos. Enquanto a rota usual era contornar o cabo da Boa Esperança em barcos a vela, ele inaugurou o primeiro navio-tanque, o *Murex*, e conseguiu permissão para transportar o produto através do Canal de Suez, que reduziu consideravelmente a distância percorrida. Esse novo formato, então, revoluciona o transporte de petróleo (YERGIN apud JUNIOR, 2019).

Desta maneira, a razão por trás da união entre a companhia britânica e holandesa em 1907 teve um grande fator comercial: a concorrência. Sendo essa concorrência norte-americana e, principalmente, uma das grandes companhias mundiais, a *Standard Oil*. Dito isso, tanto a *BP* quanto a *Shell* compartilhavam os mesmos pensamentos em relação às ações comerciais norte-americanas. Por isso buscaram, junto ao governo, meios que fizessem com que os EUA parassem ou diminuíssem ao máximo sua presença na Europa (MILLER, 1961).

Em adendo, é necessário entender o motivo por trás da importância da *Standard Oil* nesse momento. Criada por John Rockefeller, a empresa atingiu níveis

consideráveis de influência no mercado americano em vista de sua estrutura monopolista. Um dos pontos de destaque era sua forte presença na área de refino, que possibilitou uma relação quase exclusiva com o sistema ferroviário americano. Com isso, sua distribuição de derivados de petróleo alcançava longas distâncias. Outro fator importante para a petrolífera era sua firme posição no *upstream* (onde dominava parte relevante do petróleo produzido nos Estados Unidos) e seu domínio sobre o *downstream*.

Esse conflito, em grande parte, se tratava de oligopólios que buscavam a manutenção do controle sobre a produção e venda do petróleo. Essas tentativas das estatais europeias em limitar os avanços das empresas estadunidenses foram freadas devido às restrições tarifárias e financeiras impostas pelos americanos, medidas essas que não lhes deixaram satisfeitos.

Logo, essas disputas por espaços e mercados acabou gerando um "cartel", oligopólio. A disputa foi tão massiva que até os anos de 1960, apenas 7 companhias dominavam o petróleo mundial e eram conhecidas como "As Sete Irmãs". Futuramente, dessas 7 empresas, esse monopólio seria reduzido a apenas 4 empresas, sendo elas: *BP*, *ChevronTexaco*, *ExxonMobil* e *Shell*, quando passariam a ser denominadas como "As Quatro Irmãs". A Tabela 4, destacada a seguir, faz um recorte dessas 7 empresas que concorreram entre si pelo controle da indústria petroquímica (SAMPSON, 1975):

Tabela 1: As Sete Irmãs.

Royal Dutch Shell	Atualmente, Shell.
Anglo-Persian Oil Company, APOC	Depois, <i>British Petroleum Amoco</i> , ou BP Amoco. Na atualidade, usa a sigla inicial de seu nome: <i>BP</i>
Standard Oil of New Jersey, Esso	Houve uma fusão entre <i>Exxon</i> e <i>Mobil</i> , surgindo a <i>ExxonMobil</i> em 1999
Standard Oil of New York, Socony	Mesmo caso da anterior, isto é, uma fusão entre <i>Exxon</i> e <i>Mobil</i> , surgindo a <i>ExxonMobil</i>
Texaco	Essa empresa se uniu com a <i>Chevron</i> , fundando a <i>ChevronTexaco</i> em 2001. Porém em 2005 volta a ser denominada apenas de <i>Texaco</i> .
Standard Oil of California (Socal)	Posteriormente formou a <i>Chevron</i> , que incorporou a <i>Gulf Oil</i> e posteriormente se fundiu com a <i>Texaco</i> . É a maior empresa de petróleo do planeta
Gulf Oil	Foi incorporada pela <i>Chevron</i> , sendo que essa virou posteriormente <i>ChevronTexaco</i> , como tratado anteriormente

Fonte: PetroPET – Universidade Federal Fluminense⁸.

Esse oligopólio das sete empresas listadas na Tabela 4, em grande parte, constituiu-se por empresas estadunidenses que se desmembraram do cartel realizado pela *Standard Oil Company*, a maior de seu período - na produção, transporte e refino petroquímico -, atuando entre 1870 até 1911. Tal

⁸ Disponível em:

<http://petropet.uff.br/as-sete-irmas-contextualizacao-de-sua-historia-e-cenario-atual/#:~:text=O%20termo%20'Sete%20irm%C3%A3s%20de%201940%20e%201970>. Acesso em: 24 abr. 2023.

desmembramento ocorre após o surgimento e execução da lei conhecida como *Sherman Act.* nos EUA (DUTRA, 2019).

A lei antitruste *Sherman Act.* foi criada para conceder à Corte Suprema o direito de interceder em mercados com altos níveis de concentração como forma de torná-los mais competitivos. Portanto, analisando os movimentos feitos pela *Standard Oil*, a Corte constatou que estes iam contra o princípio de concorrência e que a empresa não poderia se manter em tal posição. Com isso, a petrolífera foi dividida em 33 empresas, como: a *Standard of New Jersey (Jersey)*, *Standard Oil of California (Socal)*, *Standard of New York (Socony)*, *Standard Oil of Indiana* (TREBAT, 2005).

Assim, as empresas - desmembradas da *Standard Oil - Socal, Socony, Esso e Texaco*, se uniram a *Shell* e a *BP* e fizeram um novo monopólio, onde faziam o controle da indústria e do mercado petroquímico. Além disso, influenciavam nos preços de comercialização e taxas para seus lucros (HAIGHT, 1961).

Por conseguinte, essas empresas controlavam vários locais petrolíferos, principalmente no Oriente Médio, dificultando o acesso a essas reservas. Elas criavam obstáculos para o surgimento e manutenção de novas empresas nessas regiões. Além disso, tinham "controle" até mesmo dos governos locais e não lhes permitiam ter uma relação direta com as reservas. Por fim, essas empresas perderam suas fortes influências, principalmente com o surgimento da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, a OPEP, em 1960, constituída por 13 países e razão para o fim das 7 irmãs (AZEVEDO, LEÃO, e NOZAKI, 2019).

Um importante fator a ser destacado é o fato de que uma das principais armas utilizadas pelos EUA para obter ainda mais controle sobre a produção de petróleo na região do Oriente Médio foi a força de sua moeda local, o dólar. A Inglaterra e toda a Europa dependiam de recursos financeiros norte-americanos, principalmente para continuar equipando suas forças armadas. Em troca desse auxílio financeiro, os EUA impuseram à Inglaterra algumas ações como apoio e fortalecimento do Rei Ibn Saud na Arábia Saudita, um dos aliados norte-americanos. Com o Plano Marshall, os EUA passaram a impor que os mercados estivessem abertos a comercializar o petróleo das petrolíferas norte-americanas (TREBAT, 2005).

Sendo assim, a partir do estudo, verifica-se que, no período da II Guerra, uma relevante mudança geopolítica ocorreu quando os EUA substituíram a Inglaterra como país hegemônico. Tais acontecimentos abordados anteriormente fortaleceram uma nova hegemonia norte-americana, trazendo grandes alterações no sistema monetário internacional. Com o dólar cada vez mais fortalecido como moeda internacional, os EUA puderam alcançar cada vez mais domínio da produção de petróleo na região do Oriente Médio (TREBAT, 2005).

A aplicação do Plano Marshall deixou clara a intenção norte-americana de fortalecimento de suas petrolíferas, ainda que estivesse “mascarado” pela recuperação industrial da Europa. Tal intenção de recuperação se restringia apenas às indústrias europeias, não abarcando as petrolíferas, o governo americano não desejava realizar nenhum tipo de financiamento que possibilitasse criar alguma petrolífera capaz de disputar o controle dos EUA nos campos de petróleo. A agência gestora do Plano, o *Economic Cooperation Administration* (ECA), detinha uma política clara para desacelerar o parque de refino da Europa, que favorecia a manutenção das petrolíferas norte-americanas no mercado internacional (TREBAT, 2005).

Sendo assim, tais fatores são de grande relevância para compreender a fundo eventos e mudanças que ocorreram na história da Economia e permitiram a hegemonia dos EUA não só na área econômica, mas também militar e cultural. Tal importância do petróleo nesse contexto é que esse era, e ainda é, a principal matéria-prima usada no âmbito da economia industrial moderna. Tal produto tem grande relevância para as indústrias e para os setores de transporte e, portanto, ter o domínio sobre sua produção é “sinônimo de poder”. Esse controle favorece a nação tanto em momentos de paz, no que se refere a investimentos e expansão, quanto em cenários de guerra, mantendo o controle econômico mesmo a longa distância.

Com os amplos benefícios, e especialmente retornos econômicos, que o controle ou acesso privilegiado à exploração de petróleo oferecem, as empresas queriam manter a produção na região seleta. Assim, seria mais fácil exercer o domínio e o controle sobre a produção e ter preços estáveis para as grandes

petrolíferas multinacionais. A estabilidade de preços favoreceria as empresas e a economia americanas, pois fortalecia os investimentos privados em E&P nos EUA e manteria aos consumidores americanos o fornecimento de energia (TREBAT, 2005).

Conforme ressalta Trebat (2005), além da estabilidade de preços e vantagens com os lucros, o principal fator pela necessidade de poder dos EUA no Oriente Médio aparenta ser o poder geopolítico que o petróleo trouxe ao país. Ainda na época da II Guerra, foi possível observar a dependência do produto dessa região pelo mercado europeu e asiático. Assim, controlar tal produção na região possibilitaria um maior domínio frente aos fluxos internacionais do petróleo.

Com isso, os EUA passariam a ter maior influência em países que necessitavam desses fluxos do petróleo para suas manutenções econômicas. O Plano Marshall era considerado um instrumento para aumentar a influência e prestígio exercidos pelos EUA, conferindo a esse país o “poder de veto” frente a diversas políticas industriais e militares dos países (TREBAT, 2005).

Como observado, tais fatores se apresentam de extrema relevância na economia política do petróleo e no cenário econômico de forma geral. No entanto, assim como ressalta Trebat (2005), profissionais e estudiosos dessa indústria precisam levar em consideração os reflexos geopolíticos das estratégias que buscam manter o prestígio, influência e poder de veto dos EUA a partir do domínio estratégico do Oriente Médio.

4 CONCLUSÃO

Conforme observado através da pesquisa, para compreender a história econômica é importante compreender alguns fatores que foram relevantes e alteraram o rumo da economia mundial. Um dos grandes fatores é o petróleo, produto que representa a principal matéria-prima da economia industrial moderna, com grande importância às indústrias ao redor do mundo, nações e setores de transporte.

Por sua relevância e poder de influência na economia de diversos países, dominar tal produto passou a ser visto como sinônimo de poder. Por isso, governos e grandes petrolíferas passaram a disputar pelo controle da produção de petróleo na região do Oriente Médio, localidade que fornece o petróleo leve e que permite melhor produtividade e maior lucratividade na sua produção. Os Estados Unidos desejavam dominar tal região para conquistar mais prestígio e influência na região e no mercado dos países que dependiam do petróleo em suas economias.

O Plano Marshall, portanto, se caracteriza como o principal plano do governo norte-americano como estratégia para expandir sua presença nas regiões petrolíferas do Oriente Médio e, futuramente, obter grande influência e dominar a região. Ainda que o plano tenha sido mascarado como a recuperação industrial da Europa, os principais beneficiários de tal plano foram as próprias empresas estadunidenses. Ademais, o plano não favoreceu as petrolíferas europeias. Pelo contrário, os EUA não desejavam o favorecimento da criação de uma petrolífera que pudesse disputar consigo o poder pela região.

Observou-se que o fortalecimento do dólar, o domínio e a influência dos EUA, a partir da produção de petróleo, possibilitaram a perpetuação da hegemonia do país na economia mundial e também na área militar. O petróleo continua sendo o principal produto utilizado nas indústrias atuais, e o domínio de seus fluxos internacionais favorece investimentos, expansão e manutenção do controle econômico pelos EUA. Por isso, até os dias atuais, são observadas ações tomadas pelo governo norte-americano buscando a manutenção do controle e domínio estratégicos no Oriente Médio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João; BITENCOURT, Caroline. Seria possível falar em uma espécie de “novo Plano Marshall” no processo de recuperação pós-pandêmico da União Europeia? **Anais - XVI Seminário Nacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea**, UNISC, 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/snpp/article/viewFile/21988/11926135> Acesso em: 02 de mai. de 2022.

AZEVEDO, José; LEÃO, Rodrigo; NOZAKI, William. A disputa pelos preços na era de ouro do pós-guerra: a competição entre as “Sete Irmãs” e os países produtores de petróleo. **Texto para Discussão**, Inep, v. 2, n. 11, ago. 2019. Disponível em: <https://inep.org.br/wp-content/uploads/2020/06/post-7.pdf%20Acesso%20em:%2003%20mai.%20de%202022>.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. A Mundialização do Capital e a Expansão do Poder Americano. In: **O Poder Americano**. Editora: Vozes. Petrópolis. p. 111-138, 1997.

BP, Statistical Review of World Energy 2019. 68th edition. Londres, 2019. Disponível em: <https://www.bp.com/content/dam/bp/business-sites/en/global/corporate/pdfs/energy-economics/statistical-review/bp-stats-review-2019-full-report.pdf> Acesso em: 15 de jan. de 2023.

CANTOS, Paul. The Poet as Economist: Shelley’s Critique of Paper Money and the British National Debt. **MISES: Interdisciplinary Journal of Philosophy, Law and Economics**, v. 1, n. 2, 2013. Disponível em: <https://revistamises.org.br/misesjournal/article/view/521> Acesso em: 04 de mai. de 2022.

CRUZ, José; TERRA, Denise. Petróleo e porto no norte do estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Revista EURE**, v. 46, n. 139, 2020. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?pid=S0250-71612020000300189&script=sci_arttext&lng=n Acesso em: 28 de mar. de 2022.

GASTALDI, Fernanda; MENDONÇA, Filipe. Petróleo, armas e dinheiro: a Arábia Saudita e o poder global dos Estados Unidos (2001-2018). **OIKOS**, v. 18, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/oikos/article/view/52011/28300> Acesso em: 10 de jul. de 2022.

HAIGHT, James. International antitrust landmarks: consent decrees in the oil cartel case. **Journal JSTOR, Article**, v. 5, n. 2, p. 26-30, 1961. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25743269> Acesso em: 01 de mai. de 2022.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUNIOR, Claudio. **Um estudo exploratório sobre a Indústria de Petróleo no Reino Unido**. Monografia (Bacharelado em Engenharia Química). Faculdade de

Engenharia Química e de Petróleo, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, janeiro de 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/10488/TCC%20-%20Claudio%20Alves%20de%20Souza%20Junior.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 25 de nov. de 2022.

LASSANCE, Antônio. **O making of de uma grande política pública: estratégia, planejamento e apoio à decisão na construção do Plano Marshall.** IPEA, Rio de Janeiro, março de 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Antonio-Lassance/publication/359439497_O_Making_of_de_Uma_Grande_Politica_Publica_Estrategica_Planejamento_e_Apoio_a_Decisao_na_Construcao_do_Plano_Marshall/links/623c79d58f081a732fba934d/O-Making-of-de-Uma-Grande-Politica-Publica-Estrategica-Planejamento-e-Apoio-a-Decisao-na-Construcao-do-Plano-Marshall.pdf Acesso em: 01 de mai. de 2022.

LEÃO, Rodrigo Pimentel; FIORI, José Luís. The development of South Korea's refining in the Asia's energy industry coordination. **Revista OIKOS**, v. 19, n. 1, 2020. Disponível em: https://ineep.org.br/wp-content/uploads/2020/06/oikos-especial_v19-n1-2019_pepi-ineep.pdf Acesso em: 27 de mar. de 2022.

MACIEL, Fernando. et al. Oil Rents: A systematic review of the literature. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, p. e38110918320, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18320>. Acesso em: 29 mar. 2022.

MENDES, André Pompeo do Amaral et al. **Mercado de refino de petróleo no Brasil.** BNDES Setorial, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, 2018. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/16041> Acesso em: 21 de mar. de 2022.

MILLER, William. Bearsted: A Biography of Marcus Samuel, First Viscount Bearsted and Founder of "Shell" Transport and Trading Company. By Robert Henriques. New York, The Viking Press, 1960. Pp. xi + 676. \$7.50. **Business History Review**, v. 35, n. 4, 2012. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/business-history-review/article/abs/bearsted-a-biography-of-marcus-samuel-first-viscount-bearsted-and-founder-of-shell-transport-and-trading-company-by-henriquesrobert-new-york-the-viking-press-1960-pp-xi-676-750/F4176A18A3596A2E5E60CF2F3E2FB70C> Acesso em: 02 de mai. de 2022.

PERRONE, Nico. **Enrico Mattei.** Bologna: il Mulino, 2001.

ROSS, Michael. **A maldição do petróleo: como a riqueza petrolífera molda o desenvolvimento das nações.** -- São Paulo: Sanskrito, 2019.

SAMPSON, Anthony. **The Seven Sisters: The Great Oil Companies and the World They Shaped,** New York, Viking Press, 1975.

TORRES FILHO, Ernani. Petróleo: concorrência, regulação e estratégia. **Economia Política Internacional: Análise Estratégica**, v. 2, n. 3, jul/set 2004.

TREBAT, Nicholas Miller. Os EUA, Inglaterra e o Plano Marshall: petróleo e finanças no pós-guerra. **Econ. soc.**, vol.27, n.1, pp.355-373, 2018. Disponível em:

old.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-06182018000100355&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso dia 03 do mai. de 2022.

TREBAT, Nicholas Miller. **O papel do petróleo na política externa norte-americana: das origens da indústria ao plano marshal.** 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Econômicas) - Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. 96 f.

VIANA, André Rego; BARROS, Pedro Silva; CALIXTRE, André Bojikian. **Governança global e integração da América do Sul.** – Brasília: IPEA, 2011. Disponível em: repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3004/1/Livro_Governança%20global%20e%200integração%20da%20América%20do%20Sul.pdf Acesso em: 21 de mar. de 2022.

VILARINO, Ramon. Imperialismo e petróleo: a formação dos trustes e do cartel internacionais. **Lutas Sociais**, São Paulo, v.25, n. 26, p.88-104, 2011. Disponível em: www4.pucsp.br/neils/downloads/Vol.2526/ramon-casas-vilarino.pdf Acesso em: 01 de mai. de 2022.

YERGIN, Daniel. **The Prize: The Epic Quest for Oil, Money, and Power.** New York: Simon & Schuster, 1991.

YERGIN, Daniel. **O petróleo: uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro.** São Paulo: Paz e Terra, 2009.

